

[ESTADO DE ALERTA!]

: l i v r o 1

SOBRE PESQUISA E AS PARTICULARIDADES DA PESQUISA EM ARTES

Gabriela Clemente de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

Introdução

Não é tarefa fácil responder às questões: o que é pesquisa? quais as particularidades da pesquisa em arte? Em relação à última, estudios@s têm se dedicado a pensar sobre o assunto, que se apresenta complexo em sua compreensão e relativamente recente na academia. Amparada em literatura sobre o assunto e orientações pedagógicas mediadas durante a disciplina de metodologia da pesquisa em arte no PPG Artes-UEMG, tentarei abordar a questão, ainda que iniciante no campo da pesquisa acadêmica, na intenção de ampliar as reflexões relativas à pesquisa e à pesquisa em arte.

Pesquisa pode ser entendida como uma série de ações que tem por finalidade produzir novos conhecimentos em diversas áreas do saber, a partir da relação do investigador ou da investigadora com seu objeto de estudo, escolhido a partir do desejo, da vontade de estudar em investigar algo que tenha valor, potência para si. Bersanelli coloca que geralmente a escolha do objeto de estudo é “fruto do maravilhamento do pesquisador e da pesquisadora, perante algo em sua realidade” (BERSANELLI, 1997) Esse maravilhamento diz sobre a proximidade, o interesse, que pesquisadores e pesquisadoras demonstram em relação ao objeto. Quanto mais proximidade demonstra pelo objeto de estudo, mais garantias terão em ver sua pesquisa contemplada em todas as etapas previstas. A partir desse ato, pesquisadoras e pesquisadores podem se aventurar em busca de descobrimentos (BERSANELLI, 1997), “é difícil estudar algo estranho e é impossível conhecer algo que não nos toca de modo algum”. (BERSANELLI, 1999, p. 2)

Entende-se por descobrimento, mais aquilo que nos acontece do que aquilo que fazemos. (BERSANELLI, 1999) Nesse contexto podemos pensar que pesquisa tem relação direta com experiência na medida em que passa pelo acontecimento. Em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (BONDÍA, 2014), Larrosa coloca, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca”. (BONDÍA, 2014, p. 18) Assim toda pesquisa implica em experiência, pois parte de uma relação em que o objeto de estudo instiga, provoca o pesquisador e a pesquisadora, levando-as a produzir conhecimentos, fruto dos descobrimentos.

Estabelecido o vínculo afetivo entre pesquisador@s e o objeto de estudo, geralmente o que irá mover o ato de pesquisa é um questionamento. Pesquisar é aventurar-se num mar de perguntas. (BERSANELLI, 1999) Zamboni conceitua, “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”. (ZAMBONI, 2006, p. 51) Para ele pesquisa implica na vontade clara em realizar movimentos para solucionar determinado problema. Essa vontade reside na pergunta que o sujeito se faz ao perceber a potencialidade investigativa de um determinado objeto. Uma artista, por exemplo,

durante o ato criativo pode se conscientizar de uma etapa específica do processo e realizar uma pergunta, esse questionamento motivará pesquisa que poderá conduzi-la à possíveis respostas.

A partir das perguntas as hipóteses começam a ser levantadas, ainda que uma pesquisa não tenha apenas uma resposta, são as possibilidades de respostas, as hipóteses, que estimulam a pesquisadora ou o pesquisador, a permanecer nesse processo de descobrimentos. A hipótese positiva tem a capacidade de estimular e incentivar o pesquisador e a pesquisadora nas ações que irão desempenhar na tentativa, de construir soluções para as questões colocadas. A hipótese possui o poder de estimular, pois apresenta uma imagem possível de conclusão para esse desafio, que se apresenta uma pesquisa. Assim, a qualidade das descobertas, dos conhecimentos gerados durante a pesquisa está intimamente ligada à qualidade e clareza da pergunta e da potencia da hipótese. Essa combinação é essencial para que uma pesquisa possa se desenvolver em direção às metas previstas. “Assim como a ação de construir conhecimento, pesquisar pressupõe uma vontade clara e determinada por parte do sujeito, com vistas a elucidar algo ou buscar soluções pra determinado problema”. (PIMENTEL, 2015, p. 89)

Uma vez que pesquisadores e pesquisadoras, imbuídas da vontade de conhecer seu objeto de estudo partem em pesquisa, chega o momento de definir qual postura assumir nesse desafio. Geralmente, a força do racionalismo e seu método nos leva a acreditar que somente pela razão teremos clareza no processo de descobrimentos. Tendemos a acreditar que um objeto só é passível de conhecimento a partir da clareza vinda da razão, pois aquilo que se encontra fora dela é passível de engano. Assim, criamos relações dicotômicas, por exemplo, entre arte e ciência, razão e intuição, separando estruturas que se complementam, enfraquecendo um lado, o sensível, em detrimento do outro, a razão¹.

A explicação científica das coisas possui caráter geral, o que de certa forma facilita aos sujeitos uma maior visualização sobre seus resultados, normalmente seus conhecimentos são objetivos e mensuráveis. Já a explicação sensível, possui caráter particular com alto grau de subjetividade e abstração, o

que geralmente a torna distante da maioria das pessoas. Normalmente seus resultados são da ordem do sensível, campo pouco explorado, e uma vez devolvidos à sociedade não são percebidos da mesma maneira que os saberes racionais, pois exigem outras percepções, muitas vezes desconhecidas².

Com predominância do caráter racional no pensamento, tendemos a desmerecer essa outra importante dimensão do ser que é a intuição. Esquecemos que descobrimentos só são possíveis por intermédio da intuição. Toda pesquisa, seja ela artística ou científica, possui relação entre o pensamento racional, responsável pelo desenvolvimento da investigação, e o pensamento intuitivo, esfera que aciona a dimensão dos sentidos. O racional e o intuitivo são modos complementares de funcionamento da mente humana. (ZAMBONI, 1982) O pensamento racional tem como característica ser linear, concentrado, analítico, pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar e por isso seu conhecimento produzido, tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não intelectual da realidade em decorrência de um estado ampliado de consciência, o conhecimento gerado tende a ser generalizado. (CAPRA apud ZAMBONI, 1982)

Para fazer arte ou ciência é necessário o uso adequado entre razão e intuição, privilegiar apenas uma dessas habilidades é dizer sobre um conhecimento partido, pois apresenta apenas uma das potencialidades do pensamento humano. A grande maioria do conhecimento gerado em pesquisa apresenta-se assim fragmentado, na medida em que prioriza apenas a razão, reconhecendo-a como único procedimento científico válido. Separamos aquilo que é inseparável, colocamos condições para a manifestação do sensível de modo a assumirmos as consequências geradas ao priorizar apenas uma dimensão do conhecimento humano. Somos conscientes de que a correlação entre razão e intuição, entre arte e ciência é algo natural e complementar, no entanto o predomínio do pensamento racionalista reduz as dimensões do conhecimento intuitivo, por não se apresentar da mesma maneira quantitativa e objetiva.

Pesquisa e arte

Colocadas essas premissas podemos levantar questionamentos. Como se apresenta pesquisa em arte na academia? Quais são suas diretrizes? Há equilíbrio entre a razão e intuição no ato de pesquisa? Apesar de toda discussão que se apresenta sobre as particularidades da pesquisa em arte na academia, que infelizmente tende ao pensamento racionalista, inumer@s estudos@s em grande maioria artistas-pesquisador@s, artistas-professor@s-pesquisador@s vem levantando reflexões sobre as características da arte, atrelada aos procedimentos científicos, na intenção de delimitar um espaço claro em relação aos fundamentos do conhecimento artístico, o que o define, quais são suas características, para que seu método de investigação tenha reconhecimento tanto quanto, o método científico.

O que caracteriza pesquisa em arte? Antes de partirmos para essa reflexão, se faz necessário conceituar as diferenças entre pesquisa em arte e pesquisa sobre arte³.

Vejamos uma informação que talvez nos ajude a compreender melhor essa diferença, e ela dessa vez vem do dicionário. A preposição *em* significa a forma como se pratica uma ação, já a preposição *sobre* diz de algo que está de acordo com, segundo, conforme algo ou alguém. (CEAD-EBA-UFMG, 2012)

A pesquisa em arte aborda as formas e os desenvolvimentos dos processos artísticos vivenciados ou propostos pel@s artistas. A pesquisa sobre arte reflete a partir de fatos históricos, de acordo com estudiosos da área e de áreas afins. Pesquisa acontece em diversas áreas, mas na academia ela ganha atenção especial devido à sua importância na produção de conhecimentos. O pesquisador encontra na academia possibilidades de experimentações através de orientações e interlocuções com outras áreas do conhecimento, que podem potencializar seus resultados e desdobramentos, principalmente na devolução da pesquisa para a sociedade. Ao diferenciar pesquisa em arte e pesquisa sobre arte a academia delimita os campos de atuação de pesquisadoras e pesquisadores, de maneira a clarear seu caminho, bem como suas possibilidades de atuação e contribuições para a área definida. É possível que determinados projetos tenham características que perpassem as duas

linhas de pesquisa, o que não é, ou não deveria ser, um problema acadêmico. Essas diferenciações se propõem a orientar e não a determinar⁴.

Assim como foi anteriormente pontuado em relação à arte e a ciência, razão e intuição não são duas formas de pensamentos isolados, ao contrário são expressões do mesmo pensamento, o humano, e por isso complementares uma em relação à outra. Da mesma forma, podemos pensar em relação à pesquisa em e sobre arte, onde ambas produzem conhecimentos compondo uma mesma estrutura, da pesquisa artística. De forma prática, sabemos que no caso da pesquisa em arte, essa enfrenta dificuldades para se afirmar na academia, devido às suas particularidades durante o processo investigativo. A presença da intuição, do sensível, do inconsciente provoca incômodo nos parâmetros científicos acadêmicos.

Rey (2002) pontua que a arte, liberta dos cânones da representação, passou a questionar as fronteiras que a delimitava. Arte não é mais um conjunto de regras válidas e aceitas, o artista ao criar a obra interfere no próprio modo de fazê-la. Na contemporaneidade arte passa a se constituir como campo fecundo para pesquisa e investigação, pois apresenta forte conteúdo prático, teórico e de formação, @ artista em contato com a obra coloca-se i-mers@ em processo de descoberta. (REY, 2002) Assim, a pesquisa em arte se apresenta complexa em suas potencialidades, pois está submetida ao acaso, numa relação constante entre consciência e inconsciência, entre o pensamento estruturado e o afrouxamento das estruturas. (REY, 2002)

A realização da pesquisa não apenas coloca o artista como um produtor de objetos que lançam sua candidatura ao mundo dos valores artísticos, mas pressupõem que, ao produzi-los, o faz de tal modo que esses objetos são oriundos de um questionamento, delimitando um ponto de vista particular, propondo uma reflexão sobre aspectos da própria arte e da cultura. Para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões. A arte produto de pesquisa não se limita à simples repetição de fórmulas bem-sucedidas. A pesquisa faz avançar às questões da arte e da cultura, reposicionando-as ou apresentando-as sob novos ângulos. É desafio constante para o artista-pesquisador provocar um avanço, ou talvez, mais próprio seria dizer um deslocamento desse campo específico de conhecimento que é delimitado pelas artes visuais. (REY, 2002, p. 2)

A pesquisa em arte parte do ponto de vista singular d@ artista diante um estímulo ao mesmo tempo em que não se limita a essa particularidade, pois é livre para estabelecer articulações com outras obras e com outros campos do conhecimento. Em arte, ao contrário da ciência, não se pode afirmar com segurança o que é verdadeiro ou falso, sua preocupação não parte desse tipo de investigação, ela instaura uma verdade ao apresentar um recorte em relação a uma particularidade, d@ artista. Na academia, a pesquisa em arte segue padrões científicos, sem com isso se tornar ciência. Ela possui abordagem específica sobre o objeto artístico, pois ao contrário do que normalmente acontece nas outras áreas do conhecimento, onde o objeto é o ponto de partida para a investigação, o objeto de estudo para @ artista-pesquisador@ é delimitado, muitas vezes, no próprio ato investigativo. (REY, 2002)

Rey (2002) destaca que o objeto da pesquisa em arte não necessariamente se constitui como dado preliminar no corpo teórico, ele é revelado no processo, pois é construído na medida em que acontece a investigação. Da mesma forma é no fazer, no processo de pesquisa, que as delimitações teóricas são afirmadas e delimitadas, e passam a atuar de modo a fornecer estrutura e fundamentação para a pesquisa. Como ela se materializa na medida em que é feita, não é possível prever com precisão os caminhos que percorrerá. Nesse sentido as possibilidades de alterações e mudanças acontecem com maior frequência, se comparada às pesquisas científicas.

Então o projeto na pesquisa em artes visuais, equivaleria a um projétil, algo que é lançado como uma mira. Mas o caminho exato que irá percorrer nunca saberemos. Pierre Soulages declara que "o que eu faço me esclarece o que procuro" revelando, de certo modo, a cegueira do artista no processo de criação. (REY, 2002, p. 7)

Como a pesquisa em arte se fundamenta no próprio ato criativo, seus resultados normalmente apresentam, além da pesquisa escrita, um objeto artístico. Artistas-pesquisador@s apresentam, além do texto que é a dimensão científica da pesquisa fundamentada em teorias sobre o assunto, a dimensão artística que constitui a própria obra de arte. Cabe aqui pontuar que o objeto de estudo, no caso a obra, pode ser gerado durante o ato da pesqui-

sa ou a pesquisa pode partir de uma obra construída em momento anterior a sua escrita. (REY, 2002, p. 7) Em ambas as situações, o objeto artístico se apresenta como parte essencial no corpo da investigação.

□ que acontece quando um artista visual explora explicitamente o caminho de um ponto que se transforma em uma linha, ou em uma forma? E quando um artista tenta descobrir as condições que permitam fazer arte, e que refletem sobre os constrangimentos e a liberdade, sobre o impacto do campo e da sociedade sobre sua prática artística? (...) □ que um artista faz, pensa, ou (...) age não é tópico de nenhum outro pesquisador, mas um processo de autorreflexão, possibilitando a melhoria da própria obra, expressando e explicando esses processos, ao mesmo tempo em que revela algum conhecimento novo para os outros. Neste caso, um artista é também um pesquisador-artista, traçando sua práxis e reflexão. (GOESSENS, 2014, p.18)

Pontua Rey (2002), o que caracteriza a pesquisa em arte, sua particularidade, é o fato dela se fazer ao mesmo tempo em que a obra. Na pesquisa em arte nada é definitivo, determinado, ao contrário, sua marca é a mobilidade, o próprio objeto de estudo se faz conhecido à medida que a investigação acontece. Por isso a pesquisa em arte irá sempre resultar ou ser o resultado de uma obra de arte, não como produto final ou complemento à pesquisa, mas como parte integral da pesquisa, o próprio objeto de investigação. (REY, 2002) Ainda que a intuição esteja presente em toda pesquisa, ou deveria, é na investigação em arte que ela desempenha papel essencial, constitutiva dos próprios fundamentos desse tipo de investigação. A pesquisa em arte diz sobre processo criativo, sobre o fazer arte em que a obra de arte se apresenta como materialização de um processo contínuo entre razão e intuição.

Referências

BERSANELLI, Marco. Sofia e a descoberta dos morangos. *Tracce*, Milão, n. 8, set 1997.

BERSANELLI, Marco; FERNÁNDEZ-RAÑADA, Antonio; TSALLIS, Constantino. *A aventura do conhecimento*. Encontro realizado no X Happening de Madrid, na Universidade Complutense de Madri, em abril de 1999.

BONDIA, J. Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Tremores: Escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CEAD-EBA-UFGM. *Pesquisa em+sobre Ensino de Artes Visuais*. [Vídeo]. Produção: CEAD-EBA-UFGM. Publicado por Sérgio Vilaça em 25 de Jan. de 2012. Vídeo educativo, 20'01". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CfNGkuzo5A8>. Acesso em 20 de Out. de 2017.

COESSENS, Kathleen. A arte da pesquisa em artes: Traçando práxis e reflexão. *Arte Research Journal*, Brasil, v.1/2, p.1-20, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5423/4421>. Acesso em 20 de Out. de 2017.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos Artísticos como Metodologia de Pesquisa. *OuvirOUver*. Uberlândia, v.11, n. 1, p.88-98, jan./jun. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>. Acesso em: 17 de Agosto de 2016.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p.123-140. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/6432744/o-meio-como-ponto-zero>. Acesso em 20/10/2017.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

Notas

1 Reflexões a partir das colocações de Zamboni.

2 Reflexões a partir das colocações de Zamboni.

3 Importante registrar as diferenças da pesquisa em ensino de arte e sobre ensino de arte que também são diferenciadas a partir de conceitos próprios. Para isso: <https://www.youtube.com/watch?v=CfNGkuzo5A8>.

4 Reflexões a partir das colocações de Rey.